

‘AO CONTRÁRIO’, ‘DO AVESSE’ E ‘DE TRÁS PARA FRENTE’: CODIFICAÇÕES DA CONTRADIRECIONALIDADE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

RENATO MIGUEL BASSO¹

RESUMO: O presente artigo analisa as expressões ‘de trás para frente’, ‘ao contrário’ e ‘do/ao avesso’ do português brasileiro como modificadores de eventos, que pertencem ao domínio contradirecional, um domínio que abriga modificadores de eventos que denotam eventos que ocorrem em resposta ou em direção contrária a um evento prévio ou ao desenvolvimento usual de um dado tipo de evento. Ao longo deste artigo, na primeira seção, apresentamos o domínio contradirecional e suas características para então, na seção seguinte, fazermos uma apresentação e descrição prévia dos dados. A seção 3 traz nossa proposta de análise, ancorada na teoria de trajetória de Zwarts (2005; 2008). Em nossa análise, as expressões estudadas carregam uma pressuposição específica, e denotam eventos que se desenvolvem ao contrário, conforme definimos no presente artigo, do que é o esperado.

Palavras-chave: contradirecionalidade; modificadores; semântica de eventos.

ABSTRACT: This paper analyzes the Brazilian portuguese expressions ‘de trás para frente’, ‘ao contrário’ e ‘do/ao avesso’ as event modifiers that belong to the counterdirectional domain. This domain includes event modifiers that denote events which occur in response or in the opposite direction to a previous event or to the usual development of a given event type. In this paper, in the first section, we present the counterdirectional domain and its main characteristics; in the next section we present the relevant data and a preliminary description. Section 3 presents our analysis proposal, anchored in Zwarts’ theory of trajectories (2005, 2008). In our analysis, the expressions investigated carry a specific presupposition, and denote events that develop contrary, as defined in the present paper, to what is expected.

Keywords: counterdirectionality; modifiers; event semantics.

1. INTRODUÇÃO

Fabricuis-Hansen (2001) sugere que haja um domínio de significado entre os modificadores verbais (ou de eventos) que pode ser identificado como “contradirecional” pois compartilham certas características semânticas que tem a ver com a direcionalidade do desenvolvimento ou realização de eventos. Fazem parte desse domínio diversos significados que têm como característica comum

* Universidade Federal de São Carlos UFSCar/CNPq, São Carlos, SP, Brasil. rbasso@gmail.com.

¹ Agradeço ao prof. Joost Zwarts, que discutiu comigo várias das questões tratadas aqui, e também aos pareceristas anônimos que avaliarem este texto por suas importantes observações e sugestões. Agradeço também à FAPESP (processo 2017/21110-0).

expressar que um dado evento ocorreu em direção contrária ao que é normalmente esperado, ou em resposta a um evento prévio. Tais modificadores podem ser instanciados no português brasileiro (PB), por exemplo, por itens como ‘de volta’ nas sentenças abaixo:

- (1) João caminhou de volta.
- (2) João escreveu de volta para Maria.
- (3) João pegou o livro de volta.

Simplificadamente, em (1), o evento realizado por João se dá em direção contrária, ou seja, no trajeto/sentido contrário, a um evento de movimento ou deslocamento anterior². A sentença (2) pode ser entendida de modo semelhante ao considerarmos que João escreve em resposta a um evento anterior de escrever que “partiu” de Maria e “chegou” em João – quando João escreve de volta para Maria, temos um evento que se dá em direção contrária pois agora “parte” de João e “chega” em Maria. Finalmente, com (3), temos a restituição de um estado anterior – antes, o livro estava com João, deixa de estar, e agora passa a estar com ele novamente, voltamos (i.e., caminhamos em direção contrária) a um estado anterior³.

Neste artigo, nosso objetivo é analisar algumas expressões do PB que também veiculam significados contradirecionais nos moldes da análise esboçada para ‘de volta’. Nosso foco serão as expressões ‘ao contrário’, ‘do avesso’ (e ‘ao avesso’) e ‘de trás para frente’, que, como veremos, veiculam o significado contradirecional retrógrado. Assim sendo, o presente artigo organiza-se da seguinte forma: na seção 1, apresentaremos as principais características e distinções do domínio contradirecional, e na seção 2 analisaremos os dados que envolvem as expressões em foco. Feito isso, na seção 3 apresentaremos uma análise formal, inspirada nas ideias e propostas de Zwarts (manuscrito), dessas expressões. Na Conclusão, retomaremos o caminho percorrido e discorreremos sobre alguns dos problemas em aberto.

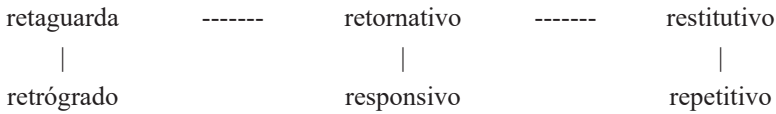
2. CONTRADIRECIONALIDADE E O DOMÍNIO CONTRADIRECIONAL

Seguindo Zwarts (manuscrito) e Zwarts e Basso (2016), o domínio contradirecional é composto pelos seguintes significados, que ilustraremos na sequência, com quadros esquemáticos. Nesses quadros, as barras horizontais e verticais indicam relações comuns entre esses itens considerando diversas línguas; assim, é comum que um item que expresse retaguarda expresse também retrógrado. Esse mesmo item pode vir a expressar também retornativo, mas não expressará

² Conforme veremos mais adiante, tal evento anterior é pressuposto.

³ Para uma análise detalhada de ‘de volta’, ver Basso (manuscrito), e para uma descrição do sistema contradirecional do PB, em comparação com os do holandês e do inglês, ver Zwarts e Basso (2016).

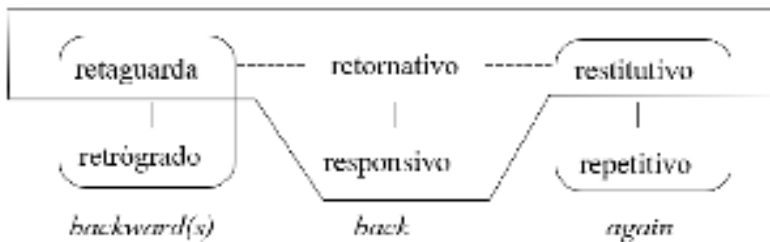
restitutivo, por exemplo. Como os estudos em contradirecionalidade ainda são incipientes, pode ser que novas relações venham a ser descobertas:



Quadro 1. organização dos sentidos contradirecionais

Esses significados, em diversas línguas do mundo, são expressos, às vezes, por um único item, ou por um conjunto próximo, relacionado de itens; além disso, há padrões comuns de lexicalização encontrados em diversas línguas através dos quais, mesmo em línguas diferentes, itens lexicais que nomeiam, por exemplo, partes do corpo, como as costas, se gramaticalizam em itens gramaticais que recortam parte dos significados do quadro acima (cf. Allan, 1995; Fabricius-Hansen, 2001; Pedersen; 2014; Beck & Gergel, 2015).

Tomando como exemplo o inglês, Zwarts e Basso (2016) propõe a seguinte organização:



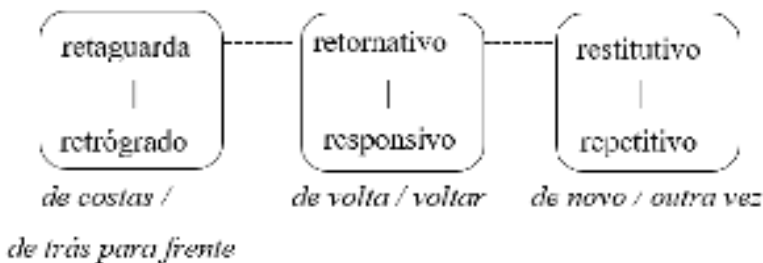
Quadro 2. lexicalização dos sentidos contradirecionais em inglês (Zwarts e Basso, 2016, p. 28)

Como podemos ver, o item ‘back’ é responsável por expressar os significados retornativo, responsivo, retaguarda e restitutivo. O holandês recorta o mesmo espectro de significados como abaixo:



Quadro 3: lexicalização dos sentidos contradirecionais em holandês (Zwarts e Basso, 2016, p. 41)

A proposta dos autores para o português brasileiro é como a seguir:



Quadro 4: lexicalização dos sentidos contradirecionais no PB (Zwarts e Basso, 2016, p. 41)

Mas o que seriam esses significados contradirecionais?

Como adiantamos na Introdução, todos eles têm a característica comum de se referirem a um evento que se dá em direção contrária a um evento prévio ou ao modo canônico de se desenrolar de um dado evento. Cada um desses significados coloca então mais restrições, ou restrições específicas, à ideia de ir na direção contrária, e localiza essa contradireção em diferentes domínios, como o espacial, o dos eventos e dos estados. Vejamos exemplos de cada um dos casos.

O significado de *retaguarda* ocorre quando uma pessoa, ou, em geral, um indivíduo animado, se move em direção às suas costas. Normalmente, as pessoas andam com os olhos na mesma direção do alvo do movimento – essa é a configuração básica de qualquer verbo de movimento; na verdade, por isso é preciso especificar sempre que nos movemos em uma direção diferente daquela para a qual os olhos apontam. Em PB, a expressão que melhor atualiza o significado de *retaguarda* é ‘de costas’, em sentenças como:

(4) João andou de costas e caiu no bueiro.

A expressão ‘para trás’ e o verbo ‘recuar’ podem também veicular esse significado:

(5) João caminhou para trás quando viu o muro.

(6) Os soldados recuaram mantendo contato visual com o inimigo.

É interessante notar que o sentido de *retaguarda* não diz respeito à trajetória envolvida, mas somente ao modo como o movimento se desenvolve. Assim, se o objetivo de João é chegar até a porta, ele pode fazer isso normalmente (7) ou ‘de costas’ (8):

(7) João foi até a porta.

(8) João foi de costas até a porta.

Nesses casos, a direção contrária diz respeito a um eixo de orientação frente-trás centrado no sujeito que realiza o movimento, que tem agora as costas “liderando” não importando qual seja a trajetória percorrida ou a ser percorrida.

O significado retrógrado diz respeito à inversão de eventos que se desenrolam de forma ordenada, numa direção esperada. Por exemplo, ao contar uma sequência numérica, começamos do menor ao maior, numa direção crescente – se quisermos ir em direção contrária, e fazer uma contagem regressiva (ou retrógrada), podemos então usar uma expressão como ‘de trás para frente’:

(9) Você sabe contar de 0 a 100 de trás para frente?

Esse significado está ligado a eventos cuja ordenação⁴ é relevante, como ver um filme, seguir uma sequência de passos como numa receita, ler um livro, etc. As expressões que analisaremos aqui veiculam o significado retrógrado, e voltaremos a elas na seção 2.

Ilustramos o significado retornativo, o responsivo e o restitutivo com os exemplos de (1) a (3) da Introdução, todos eles atualizados em PB por ‘de volta’. O que há em comum entre esses significados é a existência de um evento anterior com uma dada trajetória e a ocorrência de um evento similar com a trajetória percorrida ao contrário. Tal trajetória pode ser espacial (i.e., ‘caminhar de volta’, retornativo) relacionada a outros domínios como o dos eventos (i.e., ‘escrever de volta’, responsivo) e dos estados-de-coisas (i.e., ‘ter de volta’, restitutivo).

Finalmente, um outro significado que pode ser também tratado como contradirecional é a repetição. Nesse caso, há a pressuposição da existência de um evento prévio da mesma natureza que é refeito, e num certo sentido ao qual, portanto, se retorna. A presença desse significado é importante no domínio da contradirecionalidade porque em diversas línguas o item que expressa esse sentido expressa também o sentido restitutivo⁵. No caso do PB, para a expressão desses dois sentidos, os recursos mais comuns são ‘de novo’, ‘outra vez’, e, em algumas situações, ‘de volta’.

Essa família de significados pode ser tratada, como adiantamos, como uma subclasse de modificadores verbais (ou modificadores de eventos), e é esse tratamento que oferecemos aos itens ‘ao contrário’, ‘(ao) do avesso’ e ‘de trás para frente’, cuja interpretação é tópico da próxima seção.

⁴ Mais adiante, neste artigo, discorreremos sobre as diferentes naturezas da ordenação relevante.

⁵ Como nota Zwarts (manuscrito), o sentido de repetição está nos limites dos significados contradirecionais, o que significa dizer que ele não compartilha de todas as propriedades contradirecionais. Há, contudo, algumas razões para mantê-lo nesse domínio: além de esse significado ser expresso por itens que também expressam outros significados contradirecionais, é possível pensar na repetição de alguns eventos do seguinte modo, considerando a sentença (i):

(i) Joana foi pra Itália de novo.

à trajetória do movimento pressuposto (i.e., ida anterior de Joana à Itália) Brasil(A)p0 → Itália(B)p1

à trajetória de retorno (possibilita o uso de ‘de novo’) Itália(B)p1 → Brasil(A)p0

à ‘de novo’ = Brasil(A)p0 → Itália(B)p1

Mais adiante veremos mais sobre a metalinguagem usada, e aqui basta dizer que ‘p’ está por trajetória, ‘p(0)’ pelo começo da trajetória p, e ‘p(1)’ pelo final da trajetória p.

3. FAZER AS COISAS ‘AO CONTRÁRIO’, ‘DO AVESSE’ E ‘DE TRÁS PARA FRENTE’

As expressões ‘ao contrário’, ‘(ao) do avesso’ e ‘de trás para frente’, como adiantamos acima, se combinam com eventos que têm algum tipo de ordem canônica, ou são realizados em alguma sequência normalmente esperada. A combinação com essas expressões resulta em eventos que se desenrolam em direção contrária – idealmente, e com alguma simplificação, o começo de um evento retrógrado é o fim de sua contraparte com direção canônica, e o fim de um evento retrógrado é o começo de sua contraparte com direção canônica.

Essa descrição captura o significado de ‘de trás pra frente’; vejamos os exemplos a seguir, que não têm o intuito de exaurir as possibilidades, mas apenas explicitar as restrições em jogo – a barra (“/”) indica que devemos primeira considerar o evento sem o modificador e depois com o modificador ‘de trás pra frente’:

- (10) contar de 0 a 10 / de trás pra frente
- (11) ler o livro / de trás pra frente
- (12) assistir o filme / de trás pra frente
- (13) ouvir a música / de trás pra frente
- (14) tocar o disco / de trás pra frente
- (15) fazer a receita / de trás pra frente

Em todos esses casos, há direcionalidade clara no desenrolar do evento, que segue ou uma linha numérica, como em (10) e (11) (pois seguimos as páginas do livro), ou uma ordenação temporal, como em (12)-(14), ou ainda uma organização processual, como em (15). Ao combinarmos esses predicados verbais com ‘de trás pra frente’, o resultado é um evento com as características descritas acima: para assistir um filme de trás pra frente, é preciso começar pelo final e terminar pelo começo.

Se convencionarmos o começo de um evento como $e(0)$ e seu final como $e(1)$, um evento retrógrado com base em e , e_r , é representado como $e_r(0)=e(1)$ e $e_r(1)=e(0)$. Tal caracterização, contudo, é muito restrita, pois podemos, por exemplo, assistir um filme de trás pra frente mesmo que não comecemos pelo seu fim e terminemos pelo seu começo – se um filme tem 1h30min, e o assistimos de trás para frente, podemos fazer isso, por exemplo, a partir de 50min e parar em 10min; mesmo esse trecho, assistido desse modo, contará como ‘assistir de trás pra frente’, pois o que importa é que a progressão seja na direção contrária, que a contagem de tempo do filme diminua (i.e., começamos em 50min e paramos em 10min). Voltaremos a isso, com uma formalização explícita na seção 3. Por ora, vejamos mais alguns exemplos, novamente sem pretensões exaustivas:

- (16) andar / ?? de trás pra frente
- (17) dirigir / ?? de trás pra frente
- (18) chutar a bola / ?? de trás pra frente
- (19) montar o quebra-cabeça / ?? de trás pra frente

Os eventos em (16)-(19) não têm uma ordem canônica, e por isso a combinação com ‘de trás pra frente’ resulta estranha – afinal, o que conta como ‘andar de trás pra frente’⁶? Podemos pensar, por exemplo, em inverter a sequência de movimentos corporais associadas a andar – (a) erguer a perna; (b) esticar a perna para frente do corpo; (c) encostar a perna no chão. ‘andar de trás pra frente’ seria começar com (c) e terminar com (a)? E o que conta como ‘chutar de trás pra frente’? Seria chutar com o calcanhar? Como seria ‘dirigir de trás pra frente’? ‘montar o quebra-cabeça de trás frente’ é começar desmontando o quebra-cabeça⁷? Seja como for, é interessante notar que, mesmo que um dado evento não tenha uma ordem canônica de desenvolvimento associada a ele, uma vez que o dotemos de tal ordem, a combinação com ‘de trás para frente’ se torna possível. Suponha, por exemplo, que ‘andar’ seja de fato como descrevemos – ora, se esse for o caso, sabemos então o que significa ‘andar de trás para frente’. A ideia de ordem canônica, a possibilidade de recuperá-la contextualmente, e impô-la desempenharão um papel fundamental em nossa análise.

Diante do que vimos até aqui, podemos dizer, em resumo, que ‘de trás pra frente’ se combina com eventos que têm uma linearidade canônica e resulta em eventos que se desenvolvem numa linearidade contrária. A próxima pergunta é: tal caracterização captura também ‘ao contrário’ e ‘(ao) do avesso’? Tomemos os mesmos exemplos, combinados com essas expressões:

- (20) contar de 0 a 10 / ao contrário
- (21) ler o livro / ao contrário
- (22) assistir o filme / ao contrário
- (23) ouvir a música / ao contrário
- (24) tocar o disco / ao contrário
- (25) fazer a receita / ao contrário
- (26) andar / ?? ao contrário
- (27) dirigir / ?? ao contrário
- (28) chutar a bola / ?? ao contrário
- (29) montar o quebra-cabeça / ao contrário

Em princípio, a mesma caracterização oferecida para ‘de trás pra frente’ pode ser estendida para lidar com ‘ao contrário’, mas há algumas importantes e interessantes diferenças. O exemplo (21) tem duas interpretações: numa delas, temos o mesmo que para ‘de trás para frente’ (i.e., começar do final, ou seguir na direção contrária à usual), porém há também a interpretação de que o livro está

⁶ Note que seria possível argumentar que os verbos de (16) a (18) expressam um movimento orientado a um ALVO e por isso não aceitam ‘de trás pra frente’. Contudo, essa não parece ser uma boa explicação porque podemos tomar também os exemplos de (10) a (15) e o exemplo (19) como tendo um ALVO, mesmo que não espacial (i.e., o fim da contagem, o fim do filme, etc.), mas ainda assim eles combinam com ‘de trás pra frente’. Sendo assim, a restrição aqui não parece ter de fato a ver com ALVO mas sim com ordenação, ou sucessão de passos para a realização de um evento.

⁷ Como na famosa história, de humor certamente duvidoso, em que alguém vai contar uma piada de trás pra frente, e espera sua plateia primeiramente rir.

“virado ao contrário”, ou seja, ‘de ponta-cabeça’ – assim, ‘ler o livro ao contrário’ pode significar não que alguém (idealmente) comece do final do livro indo em direção ao começo, mas sim que o livro esteja numa posição contrária ao usual, de ponta-cabeça, sem nada dizer sobre a “direção” em que as páginas são viradas. Nesse caso, ‘ao contrário’ não se aplica ao predicado verbal, mas sim ao livro, e a leitura relevante seria: ler o livro, na ordem canônica, que está de ponta-cabeça⁸.

Uma descrição semelhante pode ser aplicada ao exemplo em (29), em que não se fala da ordem sequencial da montagem do quebra-cabeça, mas sim da orientação intrínseca das peças que, diferente do esperado, estariam com a face que traz a imagem voltada para a superfície de montagem – ‘montar o quebra-cabeça ao contrário’ significa montar com as peças viradas para baixo, sem revelar a imagem retratada pelo quebra-cabeça. Assim como para o caso de (21), ‘ao contrário’ se aplica aqui ao quebra-cabeça e não ao predicado verbal, e a leitura relevante seria algo como: montar o quebra-cabeça, que estava virado para baixo, e por isso, ao contrário.

Os exemplos a seguir ilustram o uso de ‘ao avesso’ e ‘do avesso’⁹, nosso próximo item a ser investigado:

- (30) contar de 0 a 10 / ao avesso / ? do avesso
- (31) ler o livro / ao avesso / do avesso
- (32) assistir o filme / ao avesso / ? do avesso
- (33) ouvir a música / ao avesso / ? do avesso
- (34) tocar o disco / ao avesso / ? do avesso
- (35) fazer a receita / ao avesso / ? do avesso
- (36) andar / ? ao avesso / ? do avesso
- (37) dirigir / ? ao avesso / ? do avesso
- (38) chutar a bola / ? ao avesso / ? do avesso
- (39) montar o quebra-cabeça / ? ao avesso / do avesso

Ainda que essas expressões não sejam tão usuais, é interessante notar sua distribuição e interpretação. Em primeiro lugar, podemos notar que ‘ao avesso’ é um modificador verbal e ‘do avesso’, um modificador nominal. É por isso, por exemplo, que quando colocamos uma camisa ‘do avesso’, ela está com parte interior para fora, mas quando queremos escutar uma música em direção contrária ao usual, a ouvimos ‘ao avesso’, e não ‘do avesso’. Assim, encontramos a expressão ‘ao avesso’ com as mesmas interpretações sugeridas para ‘de trás pra frente’, combinada com ‘contar’, ‘ler’, ‘assistir’, ‘ouvir’, ‘tocar’, ‘fazer’, respectivamente, nos exemplos de (30) a (35); por sua vez, com a interpretação sugerida para ‘ao contrário’, encontramos ‘do avesso’ combinado com ‘livro’ e

⁸ Talvez menos saliente haja também a interpretação de leitura em ordem retrógrada do livro que está de ponta-cabeça.

⁹ Em consulta informal com alguns falantes, notamos que os julgamentos sobre ‘do avesso’ é bastante consistente, e os julgamentos sobre ‘ao avesso’ são mais “instáveis”. Nossa análise, pode dar conta dessa diferença ou tratar os dois itens como não tendo diferença; trata-se, se esse for o caso, de uma variação dialetal que não acarreta modificações teóricas, mas apenas descritivas.

‘quebra-cabeça’, nos exemplos (31) e (39). Nenhuma dessas expressões, dadas as razões já apresentadas, se combina com ‘andar’, ‘dirigir’ e ‘chutar’ nos exemplos (36), (37) e (38).

Em resumo, as expressões ‘de trás pra frente’, ‘ao contrário’ e ‘ao avesso’ podem ser consideradas, no nível semântico, como modificadores de eventos que, ao combinarem com eventos de um certo tipo, resultam em eventos do mesmo tipo que têm seu desenvolvimento numa direção canônica. O papel desses modificadores é resultar num evento que se desenvolve em direção contrária à canônica. As expressões ‘ao contrário’ e ‘do avesso’ têm uma interpretação como modificadores nominais, e, quando aplicadas a nomes que denotam entidades que têm uma orientação canônica, resultam nas mesmas entidades com orientação contrária¹⁰.

Na próxima seção, oferecemos um tratamento formal a essas intuições, com o objetivo de capturar o funcionamento semântico das expressões em análise quando combinadas com predicados verbais.

4. UMA ANÁLISE SEMÂNTICA LINEAR DE ‘AO CONTRÁRIO’, ‘DO AVESSO’ E ‘DE TRÁS PARA FRENTE’

Para podermos falar da trajetória do desenrolar de certos eventos, adotaremos a teoria proposta em Zwarts (2005; 2008), cujo objetivo é justamente formalizar a noção de trajetória associada a diversos tipos de eventos, e também de operações que possam tomá-las como alvo.

Seguindo vários argumentos e evidências da análise de PPs espaciais locativos e direcionais em diversas línguas, Zwarts (1997; 2003; 2005) e Zwarts e Winter (2000) consideram, ao lado do domínio dos indivíduos (D_c) e valores de verdade (D_v), um domínio D_p que abriga pontos que formam, num dado modelo, regiões espaciais. PPs direcionais como ‘para a loja’, ‘pelo parque’, ‘do hospital’ denotariam conjuntos de diferentes tipos de trajetórias. Por sua vez, uma trajetória qualquer, p , que pertence ao domínio D_p é uma organização linear de pontos espaciais, que pode ser pensada como uma função contínua, no universo dos números reais, no intervalo $[0, 1]$. Zwarts (2005; p. 9) sugere ainda que o ponto inicial de uma trajetória p seja notado como $p(0)$, e seu ponto final como $p(1)$, e quaisquer outros pontos da trajetória são notados como $p(i)$, em que $i \in [0, 1]$.

¹⁰ Nosso objetivo neste artigo são os modificadores verbais, mas é interessante notar a interpretação dessas construções no domínio nominal. Como vimos, ‘ao contrário’ atua em ambos os domínios, ‘do avesso’ no domínio nominal, e ‘de trás pra frente’, predominantemente no domínio nominal – exemplos como ‘colocar uma blusa de trás pra frente’ evidenciam que ‘de trás pra frente’ atua no nome, e é a blusa que está com a parte de trás na frente, e não o evento de colocá-la que começa diferentemente do usual. Um tratamento para essa interpretação dessas estruturas, e outras como ‘de ponta-cabeça’, pode ser feito a partir da teoria conhecida como “semântica dos vetores espaciais” (ou VSS, do inglês *vector space semantics*; cf. Zwarts, 1997; Zwarts e Winter, 2000) que, como argumenta Zwarts (2003), pode ser ampliada para lidar com formas, tamanhos e orientações. Se isso estiver correto, tanto os usos nominais quanto os verbais podem ser explorados pelo mesmo tipo de formalização e arcabouço conceitual que utilizaremos aqui, e que é apresentado na seção 3.

Uma maneira de combinar a denotação de predicados verbais (que seriam eventos) com as trajetórias denotadas por PPs direcionais é através da função temática TRACE (cf. Krifka, 1998), que, quando aplicada, por exemplo, a um evento de movimento e , TRACE(e), veicula a trajetória percorrida por e , relacionando sistematicamente o desenrolar temporal do evento com o “avanço” dos pontos que formam a trajetória relevante. Esquemáticamente, temos o seguinte (Zwarts, 2005, p. 17):

$$(40) [[V PP]] = \{e \in [[V]]: \text{TRACE}(e) \in [[PP]]\}$$

Como exemplo, podemos analisar a sentença abaixo (cf., Zwarts 2005, p. 18), com o verbo no infinitivo:

$$(41) [[\text{João nadar até o barco}]] = \\ \{e \in [[\text{nadar}]] \wedge \text{AG}(j): \text{TRACE}(e) \in [[\text{até o barco}]]\} = \\ \{e \in [[\text{nadar}]] \wedge \text{AG}(j): \text{TRACE}(e) \in \{p: p(1) \text{ é no barco}\}\} = \\ \{e \in [[\text{nadar}]] \wedge \text{AG}(j): \text{TRACE}(e)(1) \text{ é no barco}\}$$

Ou seja, (41) denota o conjunto de eventos de nadar que tem João como agente e cujo desenvolvimento se dá numa trajetória que termina no barco.

Essa noção de trajetória pode ser usada para lidar com vários significados contradirecionais, em particular aqueles que se dão no espaço, como o significado retornativo da sentença (43):

- (42) João foi para o parque de ônibus.
 (43) João caminhou de volta para casa.

Muito simplificadamente, considerando que João saiu de casa em (42), a trajetória mobilizada por essa sentença é p_{42} , cujos pontos inicial e final são, respectivamente, $p_{42}(0) = \text{casa}$ e $p_{42}(1) = \text{parque}$. Por sua vez, a trajetória mobilizada em (43) é o inverso dessa trajetória: $p_{43}(0) = \text{parque}$ e $p_{43}(1) = \text{casa}$. O papel de ‘de volta’, nesse significado, é justamente considerar uma trajetória anterior p_A (pressuposta) e resultar numa trajetória reversa p_R , de modo que $p_A(0) = p_R(1)$ e $p_A(1) = p_R(0)$ ¹¹.

Apesar dessa caracterização de trajetória ter sido postulada para lidar com fenômenos espaciais, é possível usar essas mesmas ideias para lidar com domínios mais abstratos, como eventos e estados. De fato, uma das grandes constatações da Linguística Cognitiva é o importante papel analógico que domínios mais concretos, como o espaço, têm em nossa organização e entendimento de domínios mais abstratos, como o tempo, os eventos e os estados (Pontes, 1992; Talmy, 2000,

¹¹ Para uma análise detalhada de ‘de volta’, bem como das pressuposições mobilizadas por essa expressão, cf. Basso (manuscrito).

entre inúmeros outros¹²). Assim, para lidar com os itens ‘ao contrário’, ‘ao avesso’ e ‘de trás para frente’, que lidam com direcionalidade, e, portanto, com trajetórias em domínios não necessariamente espaciais, podemos empregar as noções que acabamos de ver.

Voltando à caracterização que fizemos de ‘de trás para frente’ na seção 2, munidos agora da ideia de trajetórias, sugerimos que essa expressão toma um predicado verbal que denota um evento que tem uma direcionalidade canônica, e resulta num evento realizado em direção contrária. Tomemos o seguinte exemplo:

(44) João contou de 0 a 20.

Podemos dizer, seguindo Gärdenfors (2000; 2014), que, ao contar de 0 a 20, há um movimento no espaço conceitual dos números, indo de 0 a 20, e assim, estendendo a analogia, podemos dizer que, ao contar, João move-se no espaço numérico (i.e., numa trajetória/escala numérica) da trajetória p_{44} com as características $p_{44}(0) = 0$ e $p_{44}(1) = 20$. O que chamamos crescente, num caso como o de (44), e é o “caminho” padrão a ser percorrido no espaço numérico ao contarmos. Tomando agora a sentença abaixo:

(45) João contou de 0 a 20 de trás pra frente.

a trajetória relevante p_{45} tem as características $p_{45}(0) = 20$ e $p_{45}(1) = 0$, ou seja, o reverso de p_{44} .

Ao lidarmos com exemplos como ‘ler o livro de trás pra frente’, ‘ouvir um disco de trás pra frente’, ou ‘assistir um filme de trás pra frente’, há duas possibilidades de leitura, que chamaremos de forte (F) e fraca (f). A leitura forte envolve os pontos iniciais e finais absolutos nas trajetórias associadas aos elementos envolvidos, e a leitura fraca envolve quaisquer dois pontos nessas trajetórias – o que une as duas leituras é que a trajetória seja percorrida em sentido contrário ao canônico. A leitura forte acarreta assimetricamente a leitura fraca.

Assim, se o livro de que se fala na sentença (46) tem 250 páginas, lê-lo ao contrário na leitura F é começar na página 250 e terminar na página 1, e na leitura f é começar em qualquer página n e terminar em qualquer página n' , tal que $n' < n$:

(46) João leu o livro de trás pra frente.

Para todo evento e que progride percorrendo a trajetória p , tal que $p(0)$ é seu início e $p(1)$ seu fim, com os pontos intermediários i tal que $p(i) \in [0, 1]$, sua contraparte retrógrada, er , será um evento que percorre uma trajetória pr indo de $pr(i)$ para $pr(j)$ tal que $pr(i)$ e $pr(j) \in [0, 1]$, e $pr(i) < pr(j)$, sendo que $pr(i)$ pode ser igual a $p(0)$ e $pr(j)$ pode ser igual a $p(1)$ – na leitura F, $pr(i)=p(0)$ e $pr(j)=p(1)$, e

¹² Obviamente, nossa análise é ancorada nos moldes da semântica formal, mas tais considerações da linguística cognitiva não entram em conflito com a proposta aqui desenvolvida, e servem como explicação para a possibilidade de tratarmos com um mesmo aparato formal noções que pertencem a domínios distintos. Agradeço a um parecerista anônimo por notar esse fato.

na leitura f , $pr(i) \neq p(0)$ e/ou $pr(j) \neq p(1)$. O que é importante, como salientamos, é que a trajetória seja percorrida em sentido contrário ao do evento não-retrógrado pressuposto.

A decisão entre a leitura F e a f fraca será contextualmente dependente, e assim, em geral, ao “contarmos de trás para frente”, temos a leitura F , mas esse não é necessariamente o caso quando “ouvimos uma música”, ou “assistimos um vídeo”, ou “lemos um trecho de trás para frente”.

A disponibilidade das leituras F e f , e sua preferência, tem também a ver com o quanto os eventos envolvidos são quantizados ou cumulativos (ou ainda homogêneos). Eventos quantizados são aqueles que não têm partes próprias, e eles só têm leituras F – assim, nenhuma parte de contar de 0 a 10 de trás pra frente é contar de 0 a 10 de trás pra frente, logo esse evento é quantizado e ele só tem leitura F ; por sua vez, ouvir uma música de trás pra frente pode ter uma leitura cumulativa, em que ouvir apenas um trecho de música de trás pra frente já conta como ouvir essa música de trás para frente, resultando numa leitura f . Sobre uma caracterização formal de eventos quantizados e cumulativos, bem como sobre suas características, cf. Krifka, 1998; Rothstein, 2004.

Como adiantamos, a leitura F acarreta assimetricamente a leitura f , e os exemplos repetidos (com a numeração original) abaixo ilustram essa caracterização:

- (10) contar de 0 a 10 / de trás pra frente
- (11) ler o livro / de trás pra frente
- (12) assistir o filme / de trás pra frente
- (13) ouvir a música / de trás pra frente
- (14) tocar o disco / de trás pra frente
- (15) fazer a receita / de trás pra frente

Em outras palavras, ‘contar de 0 a 10’ tem preferencialmente leitura forte pois nada diferente de contar de 0 a 10 de trás para frente (i.e., começando em 9 ou 8 e terminando em 2 ou 1) contará como contar de 0 a 10 de trás para frente. Porém, é possível tocar um disco de trás para frente mesmo se alguém fizer isso começando no meio da última música e terminado na segunda música.

Propomos que essa mesma descrição cabe a ‘ao contrário’ e ‘ao avesso’ na interpretação relevante, como modificadores verbais/eventivos¹³.

Seguindo a sugestão de Zwarts (manuscrito), consideraremos que os itens em análise neste artigo, como os demais modificadores contradirecionais, tem a forma esquemática abaixo:

¹³ É certo que algumas das expressões contradirecionais analisadas aqui apresentam restrições de combinação com eventos (denotados por predicados verbais), e assim, por exemplo, “falar do contrário” é mais aceitável que “falar de trás pra frente” que por sua vez é bem melhor do que “falar do avesso”. A investigação precisa sobre essas propriedades de seleção de cada uma das expressões analisadas aqui é certamente muito importante, mas é algo que deixaremos para um outro momento. O importante aqui é notar que, quando aceitáveis, tais modificadores farão o que propomos que eles façam aqui. Resta então, além da pressuposição específica que propomos que eles carregam, investigar quais outras restrições estão em jogo quando do emprego dessas expressões. Agradeço a um parecerista anônimo por levantar essa questão.

RETAGUARDA, RETRÓGRADO, RESPONSIVO... = $\lambda E\lambda e [E(e) \wedge \dots(e)\dots]$

Ou seja, são modificadores que tomam eventos e retornam eventos com restrições adicionais – denotam conjuntos de conjuntos de eventos e resultam em conjuntos de eventos. A questão que nos colocamos então é: quais são as restrições impostas por modificadores contradirecionais retrógrados?

Uma saída é propor que esses modificadores pressupõem a existência de eventos (e') que tem uma direcionalidade específica e denotam eventos (e) que tem a direcionalidade invertida. Assim, a restrição com relação à combinação com eventos que têm direcionalidade canônica seria codificada como uma pressuposição. Por sua vez, a direcionalidade tem a ver com o que chamaremos de função “CANÔNICO”¹⁴, como na fórmula a seguir, que explicitaremos na seqüência:

$$\text{RETRÓGRADO} = \lambda E\lambda e: \forall e' [E(e') \wedge \forall t[t \in \tau(e') \rightarrow \text{CANÔNICO}(E)]. [E(e) \wedge \forall t[t \in \tau(e) \rightarrow \neg \text{CANÔNICO}(E)].$$

A pressuposição, contida entre os dois pontos e o ponto final, “ $\forall e' [E(e') \wedge \forall t[t \in \tau(e') \rightarrow \text{CANÔNICO}(E)]$ ”, diz que para todo evento e' do tipo E , em todos os momentos t de seu desenvolvimento ($\tau(e')$), esse evento e' segue uma trajetória canônica ($\text{CANÔNICO}(E)$) associada a eventos do tipo E^{15} – se E for eventos do tipo ‘contar’, todo evento e' desse tipo segue uma trajetória canônica de eventos do tipo ‘contar’ que é progressiva ou crescente¹⁶.

¹⁴ Em nossa análise, dizemos que “CANÔNICO” se aplica a eventos, porém, como notou um parecerista anônimo, é importante deixar explícito o que deve ser entendido por essa formulação. “CANÔNICO” não se aplica somente a verbos, mas sim a verbos + complementos (quando houver). Assim, quando dissermos que “CANÔNICO” se aplica a um evento (ou tipo de evento), o que deve ser considerado é, *grosso modo*, um IP. Isso tem a ver também com a questão linguístico-filosófica mais ampla sobre quais termos de uma sentença são responsáveis por denotar um evento; certamente não é somente o verbo, mas sim o verbo e (pelo menos) seu argumento interno. Desse modo, se tomarmos ‘desenhar uma casa’, “CANÔNICO” não se aplicaria a ‘desenhar’, mas a ‘desenhar uma casa’. Agradecemos ao parecerista por chamar nossa atenção para essa importante questão.

¹⁵ Uma questão importante, levantado por um parecerista anônimo, é sobre se evento pressuposto deve ter o mesmo agente do evento assertado. Como na pressuposição lidamos com tipos de eventos, e a ideia é capturar que eventos de um certo tipo são, via de regra (i.e., canonicamente), realizada numa certa direção, quem é o agente em particular desse evento tipo não vem ao caso, e por isso não precisa ser mencionada na pressuposição. Dito de outro modo, independentemente de quem realizar um dado evento e do tipo E , eventos do E são realizados numa certa direcionalidade. Agradecemos ao parecerista por chamar nossa atenção para esse ponto.

¹⁶ Essa direcionalidade associada à função “CANÔNICO” pode ser tomada de forma análoga à ideia de um “tema incremental”, encontrada nos trabalhos de Krifka (1998) e Rothstein (2004) ao lidaram com eventos télicos. A ideia é o que a denotação da expressão que serve como tema desses eventos télicos é criada (ou consumida) incrementalmente de modo a termos, ao fim do evento, a existência (ou o consumo) do tema, que consistiria justamente no telos do evento em questão. Por exemplo, se considerarmos o predicado ‘construir a casa’, seu desenvolvimento consistirá na realização de subeventos organizados numa linearidade e direcionalidade tal que, ao término do evento, tenhamos uma casa construída. O mesmo se dá, *mutatis mutandis*, para ‘comer a maçã’, em que temos o consumo do tema.

Por sua vez, a função “CANONICO(E)” pode ser pensada como uma versão direcional da função “TRACE(E)” que vimos acima, pois relaciona não somente eventos a trajetórias, mas sim eventos a trajetórias (espaciais ou não) com uma direção específica: se um evento do tipo E tem como seu desenvolvimento canônico (CANONICO(E)) na trajetória p com p(0) sendo início e p(1), seu fim, com os pontos intermediários i tal que p(i) ∈ [0, 1], seu contraparte retrógrada (–CANONICO(E)), er, será um evento que percorre uma trajetória pr indo de pr(i) para pr(j) tal que pr(i) e pr(j) ∈ [0, 1], e pr(i) < pr(j), sendo que pr(i) pode ser igual a p(0) e pr(j) pode ser igual a p(1) – na leitura F, pr(i)=p(0) e pr(j)=p(1), e na leitura f, pr(i)¹p(0) e/ou pr(j)¹p(1).

O conteúdo assertado, por sua vez, diz que o evento e do tipo E se desenrola na direção inversa da canônica (–CANONICO(E)) – ‘contar de trás pra frente’ é um evento do tipo E, ‘contar’, porém se desenvolve em direção contrária ao canônico.

Como exemplo, podemos analisar a sentença abaixo:

(47) João falou a frase ao contrário.

$$\begin{aligned} &[[\text{João falou a frase}]] = \exists(e)[\text{FALAR}(e) \wedge \text{AGENTE}(e, \text{joão}) \wedge \text{TEMA}(e, \text{frase})] \\ &[[\text{de trás pra frente}]] = \lambda E\lambda e: \forall e' [E(e') \wedge \forall t[t \in \tau(e') \rightarrow \text{CANONICO}(E)]] . [E(e) \\ &\wedge \forall t[t \in \tau(e) \rightarrow \text{–CANONICO}(E)]] \\ &[[\text{de trás pra frente}]]([[\text{João falou a frase}]]]) = \\ &\lambda E\lambda e: \forall e' [E(e') \wedge \forall t[t \in \tau(e') \rightarrow \text{CANONICO}(E)]] . [E(e) \wedge \forall t[t \in \tau(e) \rightarrow \\ &\text{–CANONICO}(E)]] (\exists(e)[\text{FALAR}(e) \wedge \text{AGENTE}(e, \text{joão}) \wedge \text{TEMA}(e, \text{frase})]) \\ &\exists(e): \forall e' [\text{FALAR}(e') \wedge \forall t[t \in \tau(e') \rightarrow \text{CANONICO}(\text{FALAR})]] . [\text{FALAR}(e) \\ &\wedge \text{AGENTE}(e, \text{joão}) \wedge \text{TEMA}(e, \text{frase}) \wedge \forall t[t \in \tau(e) \rightarrow \text{–CANONICO}(\text{FALAR})]] \end{aligned}$$

‘falar (a frase)’ é um tipo evento que tem linearidade/direcionalidade, e portanto satisfaz a pressuposição da expressão retrógrada, e ‘falar (a frase) de trás pra frente’ é um evento que se dá em direção oposta.

Quando a pressuposição não é satisfeita, ou não pode ser acomodada, a sentença resultante é estranha como vimos com alguns exemplos acima, e nas sentenças a seguir:

(48) João dirigiu o carro ao avesso.

(49) João telefonou pra sua namorada de trás pra frente.

(50) João jantou ao contrário.

Essas sentenças só são aceitáveis se conseguirmos conceber alguma direcionalidade ou ordenação para ‘dirigir’¹⁷ e então fazer sentido de ‘dirigir ao

¹⁷ É importante deixar claro, como esperamos ter feito ao longo deste artigo, que a direcionalidade ou ordenação de que tratamos não tem a ver com ALVO, mas sim com a sucessão de subeventos necessários para o desenvolver de um dado evento. Assim, “dirigir de trás pra frente” não é “dirigir de ré”, mas sim fazer “de trás pra frente” os movimentos envolvidos em “dirigir”; nossa proposta de análise é que a combinação de ‘dirigir’ com ‘de trás para frente’ não é possível porque são muitos movimentos envolvidos em dirigir, e sua ordenação pode variar.

avesso’; ou se entendemos o que vem a ser ‘telefonar de trás pra frente’ (começar pelo último número?); ou se consideramos que começar pela sobremesa é ‘jantar ao contrário’. Como a linearidade/direcionalidade não é clara para esses eventos, sua combinação com termos contradirecionais retrógradas gera resultados estranhos.

Finalmente, a formalização e análise que oferecemos para a sentença (47) pode parecer estar relacionada somente às interpretações que chamamos de “forte” (F). Contudo, vamos propor que a diferença entre as interpretações “forte” e “fraca” (f), ao invés de serem capturadas por qualquer diferença nos modificadores retrógrados que vimos, estão mais ligadas à duração do evento, e assim uma formalização como (47) capturaria tanto a interpretação F quanto a f, a depender do que consideramos ser o evento. Desde que haja uma trajetória canônica desenrolada em sentido contrário, teremos a interpretação retrógrada relevante.

Passemos, então, às conclusões do presente artigo.

5. CONCLUSÕES

Neste artigo, nosso objetivo foi apresentar uma análise, nos moldes da semântica formal das línguas naturais, de modificadores de eventos contradirecionais do tipo retrógrado, que denotam que eventos que apresentam direcionalidade canônica são realizados em direção contrária.

Para tanto, apresentamos algumas das principais questões sobre contradirecionalidade na seção 1, e na seção 2 trouxemos um apanhado dos dados relevantes para nossa análise. A seção 3 trouxe a teoria de trajetória de Zwarts (2005), bem como nossa proposta de formalização, baseada em Zwarts (manuscrito), para lidar com ‘ao contrário’, ‘de trás para frente’ e ‘ao avesso’. Notamos que esses itens carregam uma pressuposição específica, ligada à exigência de o tipo de evento sob seu escopo apresentar desenvolvimento numa direcionalidade canônica, e que denotam eventos que se dão em direção contrária. Há várias questões a serem aprofundadas aqui, como a relação entre os domínios verbal e nominal, bem como a aplicação sistemática dos itens aqui investigados a elementos das chamadas classes vendlerianas com a intenção de avaliar se há alguma relação entre as propriedades acionais e contradirecionais retrógradas. Não abordamos também questões sintáticas ligadas às possíveis diferenças de interpretação acarretadas pela posição dos itens em análise.

Com este artigo, ainda que com as questões em aberto apontadas, esperamos ter contribuído para o entendimento dos modificadores contradirecionais do português brasileiro.

REFERÊNCIAS

BASSO, R.M. (manuscrito). Sobre a semântica de ‘de volta’: um exercício em contradirecionalidade.

- FABRICIUS-HANSEN, C. Wi(e)der and again(st). In: FERY, C.; STERNEFELD, W. (eds.), *Audiatur Vox Sapientiae. A Festschrift for Arnim von Stechow*. Berlin: Akademie Verlag, 101-130, 2001
- GÄRDENFORS, P. *Conceptual Spaces: The Geometry of Thought*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2000.
- GÄRDENFORS, P. *The geometry of meaning: Semantics based on conceptual spaces*. Cambridge, MA: MIT Press, 2014.
- KRIFKA, M. The origins of telicity. In: ROTHSTEIN, S. (ed.). *Events and Grammar*. Dordrecht: Kluwer, 197-235, 1998.
- PONTES, Eunice. *Espaço-Tempo na língua portuguesa*. São Paulo: Pontes editores, 1992.
- ROTHSTEIN, S. *Structuring Events: A Study in the Semantics of Lexical Aspect*. Blackwell: Oxford, 2004.
- TALMY, L. *Toward a cognitive semantics*. MIT press, 2000.
- ZWARTS, J. Vector as relative positions: a compositional semantics of modified PPs. *Journal of Semantics*, 14:57-86, 1997.
- ZWARTS, J. Vectors across spatial domains: from place to size, orientation, shape and parts. In: VAN DER ZEE, E.; SLACK, J. (Eds.), *Representing Direction in Language and Space* (pp. 39-68). Oxford: Oxford University Press, 2003.
- ZWARTS, J. Prepositional Aspect and the Algebra of Paths. *Linguistics and Philosophy* 28.6, 739-779, 2005.
- ZWARTS, J. Aspects of a typology of direction. In S. ROTHSTEIN (Eds.), *Theoretical and Crosslinguistic Approaches to the Semantics of Aspect* (pp. 79-106) (28 p.). Amsterdam: John Benjamins, 2008.
- ZWARTS, J. From 'back' to 'again' in Dutch: The structure of the 're' domain. Manuscrito.
- ZWARTS, J.; BASSO, R. M. Counterdirectionality Crosslinguistically: comparing Brazilian Portuguese and Dutch. *Revista da ABRALIN*, v. 1, p. 19-44, 2016.
- ZWARTS, J.; WINTER, Y. Vector space semantics: a model-theoretic analysis of locative prepositions. *Journal of Logic, Language and Information*, 9:169-211, 2000.

Recebido: 6/02/2019

/Aceito: 14/03/2019

Publicado: 1/04/2019